

Historiografia do Partido Comunista no Brasil em seu centenário

Historiography of the Communist Party in Brazil on its centenary

Felipe Augusto dos Santos Ribeiro*

Resenha do livro: SECCO, Lincoln; PERICÁS, Luiz Bernardo (org.). *História do PCB*. Cotia: Ateliê Editorial, 2022. 432 p.

Palavras-chave: Partido Comunista; comunismo; Brasil.

Keywords: Communist Party; communism; Brazil.

NO ANO DO CENTENÁRIO do Partido Comunista do Brasil (PCB),¹ os historiadores Lincoln Ferreira Secco e Luiz Bernardo Murtinho Pericás, ambos docentes no Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), organizaram e lançaram, em dezembro de 2022, o livro intitulado *História do PCB*. A importante obra reúne 19 capítulos, com temáticas e perspectivas variadas, assinados tanto por estudiosos sobre o partido quanto por militantes que nele atuaram.

A ordem dos capítulos busca seguir uma certa orientação cronológica, porém, de forma articulada com importantes questões sobre a trajetória do comunismo no Brasil. Sugerindo uma divisão alternativa dos capítulos da obra, propomos nesta resenha uma leitura a partir de quatro eixos de abordagem: [1] inserção do PCB na sociedade e sua relação com grupos sociais específicos; [2] imprensa, artes e história editorial do partido; [3] contextos importantes de atuação do PCB na história brasileira; e [4] interpretações já consolidadas sobre a história do PCB e tensões internas.

* Professor Adjunto de História na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Doutor em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC-FGV e Mestre em História Social pela FFP-UERJ. E-mail: feliperibeiro@phb.uespi.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1258-6550>.

1 O PCB foi fundado em 25/03/1922, na cidade de Niterói-RJ, originalmente com o nome de Partido Comunista do Brasil. Em 1960, após um congresso realizado pelo partido, foi decidida a alteração do nome da legenda para Partido Comunista Brasileiro, mantendo-se a sigla PCB. Em 1962, um grupo dissidente formou outra agremiação partidária, o Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

Logo no capítulo de abertura, os organizadores da obra apresentam um breve, porém instigante, panorama sobre estudos dedicados ao partido. Sob o título “Linhagens da historiografia do PCB”, Secco e Pericás abordam desde coletâneas de documentos da legenda, que exerceram bastante influência nas narrativas históricas sobre o comunismo no país; passando por livros de memórias ou biográficos de ex-militantes, até publicações de estudos sobre momentos decisivos do “Partidão” que impactaram sobremaneira sua historiografia. O ponto alto e mais inovador desse primeiro capítulo é quando os autores começaram a tratar da inserção do partido na sociedade brasileira por meio de suas bases sociais e regionais, que embora seja “difícil de ser quantificada”, tem sido bastante investigada por novos historiadores e novas historiadoras neste século XXI (p. 29). Além dos estudos que buscam dimensionar com maior exatidão o número de membros do partido, destacam-se aqueles que se debruçam sobre a origem profissional de seus militantes, os expressivos resultados eleitorais do PCB no período entre 1945 e 1964 – ainda que por meio de legendas emprestadas –, o espraiamento e a repercussão do partido nas diversas regiões do país, bem como seu relevante alcance popular, com apontamentos para instigantes intersecções de gênero, raça e classe no âmbito do movimento comunista brasileiro. “O fato é que, apesar disso, há ainda muito o que se pesquisar sobre diversos personagens ligados ao partido” (p. 37).

A advertência do texto inicial, dando conta de que não há “nenhuma intenção de fazer um levantamento exaustivo e completo” (p. 38) sobre a historiografia do PCB, em grande medida se confirma ao dialogar com diversas pesquisas de fôlego somente por meio de artigos publicados em periódicos, que obviamente apresentam recortes pontuais de dissertações e teses mais consistentes. Por outro lado, é necessário salientar que o livro conseguiu reunir capítulos com discussões dessas “novas linhagens”, assinados por jovens pesquisadores e pesquisadoras, decorrentes de estudos razoavelmente recentes, inovadores e robustos.

Tais capítulos podem ser classificados sobretudo no âmbito do primeiro eixo de abordagem aqui proposto, justamente pelo esforço em compreender as relações pecebistas com determinados grupos da sociedade brasileira, como é o caso do estudo de Fernando Garcia de Faria ao analisar a atuação da militância comunista junto à juventude brasileira entre 1922 e 1936, nos anos iniciais do partido. A questão racial também é tratada por Gabriel dos Santos Rocha, analisando como essa pauta foi inserida na agenda do PCB e perpassou o debate de intelectuais comunistas entre as décadas de 1920 e 1940. Outro capítulo de relevância foi escrito por Iracéli da Cruz Alves, que abordou sobre as conexões do PCB com a Federação de Mulheres do Brasil (FMB) entre os anos de 1949 e 1957, bem como a movimentação política de mulheres comunistas no período, dialogando com um instigante panorama historiográfico sobre a temática. Ainda neste primeiro eixo de abordagem, destaca-se o estudo de Paulo Ribeiro da Cunha sobre o Antimil – o Setor Militar

do PCB –, em que historiciza a presença de militantes comunistas nas Forças Armadas em diversos contextos do período republicano.

No segundo eixo, quatro capítulos apresentam um envolvente panorama da imprensa comunista e suas relações com o mundo da arte, a começar pelo estudo de Andréia Carolina Duarte Duprat sobre o realismo socialista e sua repercussão no país, além de pontuar variados projetos culturais ligados ao PCB que se desdobraram em peças teatrais, programas de rádio, composições musicais, produções cinematográficas, artes plásticas, clubes de gravura, obras literárias e até mesmo em periódicos da imprensa. No que tange à estrutura para disseminar uma expressiva quantidade de livros, jornais, revistas e panfletos pelo Brasil, o capítulo de Wilson Milani esmiúça sobre as gráficas clandestinas do partido e a constante vigilância que sofria da repressão, na maior parte dos casos resultando em empastelamentos, apreensão de maquinário, descarte de material produzido e prisão de militantes, particularmente trabalhadores gráficos, também chamados de “artesãos da revolução”. Outro capítulo focado no papel da imprensa comunista foi apresentado por Pedro Estevam da Rocha Pomar, que de forma articulada e densa explana sobre a montagem de uma poderosa rede de jornais e revistas vinculados ao PCB no período entre o final do Estado Novo e o golpe de 1964. Por fim, Dainis Karepovs assina um envolvente texto que dimensiona as publicações do *Manifesto Comunista* em terras brasileiras, traçando um breve histórico das edições da obra – algo iniciado por Edgard Carone² –, mas que nesse capítulo detalha a “fortuna editorial” das versões publicizadas do *Manifesto* no período ditatorial entre 1964 e 1985, bem como as formas utilizadas pela militância para driblar a repressão e a censura.

Em relação ao terceiro eixo, são três os artigos que se destacam. Frederico Duarte Bartz foca nas relações entre o partido, o movimento operário brasileiro e suas principais lutas entre 1918 e 1930, compreendendo a primeira onda de greves mais expressivas no Brasil até a tomada de poder no país por Getúlio Vargas, dando ênfase à formação do Bloco Operário e Camponês (BOC) nesse período. Já o capítulo de David Ricardo Ribeiro questiona o entendimento ainda forte no debate acadêmico de que a adesão do PCB à União Nacional no período da Segunda Guerra e sua proposta de alianças “revelam a submissão dos pecebistas em relação a Vargas” (p. 132). O autor demonstra de forma convincente que entre a perspectiva varguista e a oposição liberal (esta responsável pelo golpe de 1945) havia um “terceiro caminho” para pensar o processo de democratização do país no contexto pós-guerra, calcado na soberania popular e com acentuado protagonismo de trabalhadores urbanos, cuja influência do PCB vinha sendo exercida desde o conflito mundial. Na esteira desse período democrático repleto de incongruências e restrições, inclusive no que se refere ao PCB,

2 CARONE, Edgard. A trajetória do Manifesto do Partido Comunista do Brasil. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Novos Rumos, 1986. p. 17-18.

o capítulo de Edvaldo Correa Sotana examina o engajamento do partido na Campanha pela Paz Mundial ao longo da década de 1950.

Por fim, destaca-se o quarto eixo de abordagem aqui proposto para resenhar essa obra, contendo textos de autores e autoras com interpretações já consolidadas na historiografia sobre o PCB, que estão combinados, em grande medida, ao tratamento de tensões e rachas na legenda. Indubitavelmente, este eixo é o que comporta um maior número de capítulos, sete no total. O primeiro deles é fruto de meritosas publicações dos historiadores russos Victor Jelfets e Lazar Jelfets (os únicos pesquisadores estrangeiros com autoria de capítulo no livro aqui resenhado) que problematizam o papel da Internacional Comunista – ou Comintern, do inglês *Communist International* – na América Latina. Há também o capítulo de Marly de Almeida Gomes Viana, autora de obras fundamentais sobre a Insurreição de Novembro de 1935, que consolida em seu texto um rico balanço sobre as relações entre o PCB e a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Marcos Del Roio, outro autor influente na historiografia do PCB, aborda sobre os dilemas do partido no período que denomina como o “turbilhão da disputa pela hegemonia na Revolução Burguesa” (p. 118), compreendido entre 1928 e 1948. As oscilações ocorridas na linha programática oficial do PCB entre as décadas de 1940 e 1960, que perpassam variados trechos do livro, meio que culminam simbolicamente no capítulo de José Reinaldo Carvalho sobre o PCdoB. Escrito por um militante da legenda dissidente, o texto é marcado por um discurso estritamente político, sem apresentar um diálogo com estudos sobre a temática, aspecto que chegou a ser minimamente referenciado no capítulo inicial da obra, de autoria dos organizadores. Nesse sentido, o capítulo sobre o PCdoB acabou destoando dos demais textos que compõem o livro.³ Mais adiante, Milton Pinheiro trata das resoluções do VI Congresso do PCB, realizado em 1967, analisadas como reflexo de uma posição reformista e caduca de um núcleo dirigente estagnado no partido diante da ditadura militar, denominada pelo autor como politicismo tático e considerada um sinal da “ruptura com a sua tradição de luta” (p. 200). O capítulo de Anita Leocádia Prestes avança na discussão sobre as tensões no interior do PCB durante a ditadura militar, mais precisamente nas décadas de 1970 e 1980, com foco no grupo autodenominado como “Renovadores”, descrevendo os principais grupos em disputa pela direção da legenda. Por fim, o artigo de Breno Altman propõe uma breve história dos comunistas paulistas entre 1976 e 1986, em certa medida no rastro do cenário geral apresentado no capítulo de Anita Prestes. O autor, porém, parte de outras premissas e busca detalhar o contexto do surgimento do Partido dos Trabalhadores (PT) e o quanto isso impactou os comunistas paulistas, tendo parte deles aderido ao petismo posteriormente.

3 Sobre dissidências do PCB, Cf. SALES, Jean Rodrigues. **Entre a revolução e a institucionalização: uma história do Partido Comunista do Brasil (PCdoB)**. São Paulo: Edusp, 2020. TORRES, Lucas Porto Marchesini. **Estratégias de uma esquerda armada: militância, assaltos e finanças do PCB na década de 1980**. Salvador: Edufba, 2017. FORTES, Alexandre (org.). **História e perspectivas da esquerda**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

Ainda que este último eixo de abordagem reúna importantes referências sobre a história do PCB, percebe-se um certo cacoete em parte expressiva desses capítulos, principalmente no que concerne a uma demasiada preocupação em debater as tensões do partido “pelo alto”, basicamente entre grupos que compõem seu Comitê Central, além de reiterar debates focados na reflexão dos considerados erros históricos do PCB.

Essa reiteração excessiva acaba por negligenciar o aspecto mais inovador do livro, que foi justamente sinalizar para as novas linhagens dessa historiografia. A propósito, o que essas pesquisas inovadoras mais enfatizam é que não há uma engrenagem ou linha de transmissão que replica necessariamente esses debates mais centrados no Comitê Central do PCB para os núcleos país afora. Por certo, qualquer partido político enfrenta dificuldades em manter uma certa unidade entre seus diretórios. No caso do PCB, uma legenda que passou longos períodos na clandestinidade por conta da repressão, essa dificuldade é potencializada e peculiar, mesmo com uma enraizada cultura de organização e engajamento em sua militância. Há pesquisas robustas que já problematizam essa questão, chegando a apontar para a existência de um, dois ou mais PCB's.⁴

Nessa seara é possível apontar várias instâncias de tensões no partido, de baixo para cima, englobando tanto o descompasso na militância comunista entre as várias regiões do país, apontado em pesquisas mais recentes,⁵ quanto em objetos de estudo que priorizam uma análise mais detida sobre a composição da militância comunista local (inclusive nos maiores centros do país), buscando dimensionar sua formação, a inserção do PCB na sociedade a partir desse dado recorte e as suas principais formas de atuação e lutas. Em muitos casos, é perceptível que a orientação mais geral do partido não replica necessariamente na base.

4 NEGRO, Antonio Luigi. Um PCB é pouco, dois é bom, três é demais: a participação operária na política do pós-guerra. **História**, n. 21. p. 251-282, 2002.

5 WOLLMANN, Luciana Pucu. **Niterói operária: trabalhadores(as), política e lutas sociais (1942-1964)**. Rio de Janeiro: Aperj, 2024. SENA JUNIOR, Carlos Zacarias de (org.). **Capítulos de história dos comunistas no Brasil**. Salvador: Edufba, 2023. MOURA, Anderson Vieira. **O partido dos operários: comunistas e trabalhadores urbanos em Alagoas (1951-1961)**. Rio de Janeiro: Autografia, 2023. CARVALHO, Diego. **Partidos e alianças políticas na “Moscuzinho do Brasil”**: os comunistas e as eleições municipais de outubro de 1947 em Jaboatão-PE. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017. RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos. **A foice, o martelo e outras ferramentas de ação política: os trabalhadores rurais e têxteis de Magé/RJ (1956-1973)**. 2015. Tese (doutorado em História, Política e Bens Culturais) – CPDOC/FGV, 2015. SANTOS, José Maurício Moreira dos; SOUSA, Ramsés Eduardo Pinheiro de Moraes. “Velhos Camaradas”: contribuição inicial à história do Partido Comunista Brasileiro no Piauí (1932-1964). **Anais ... XII Encontro Nacional de História Oral**. 2014. Disponível em https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397104178_ARQUIVO_ArtigoPCB-CongressodeHist.Oral.pdf. MOREIRA, Vagner José. **O levante comunista de 1949: memórias e histórias da luta pela terra e da criminalização dos movimentos sociais de trabalhadores no noroeste paulista**. Cascavel: Edunioeste, 2012. PRIORI, Ângelo Aparecido. **O levante dos posseiros: a Revolta Camponesa de Porecatu e a ação do Partido Comunista Brasileiro no campo**. Maringá: Eduem, 2011. GUILMARÊES, Valéria Lima. **O PCB cai no samba: os comunistas e a cultura popular (1945-1950)**. Rio de Janeiro: Aperj, 2009. TAVARES, Rodrigo Rodrigues. **A “Moscuzinha” Brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954)**. São Paulo: Humanitas, 2007. SCHMIDT, Benito Bisso. Gilda e Lila: duas maneiras de ser mulher e comunista em Porto Alegre nas décadas de 1940 e 1950. **História Oral**, v. 9. n. 2. p. 9-32, jul.-dez. 2006. QUERINO, Rosimar Alves. **Democracia inconclusa: militância comunista e repressão política no interior paulista (1945-1964)**. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2006. AUED, Bernardete Wrublevski. **A vitória dos vencidos: Partido Comunista Brasileiro – PCB – e Ligas Camponesas (1955-64)**. Florianópolis: Editora UFSC, 1986.

Outro aspecto que tem despontado em pesquisas recentes é sobre o protagonismo da classe trabalhadora em determinados contextos da história do país. Por vezes, narrativas sobre o PCB podem, mesmo que não intencionalmente, sobrepor e até invisibilizar a agência de trabalhadores e trabalhadoras. Inclusive, no debate historiográfico sobre o partido “pelo alto”, corre-se um risco constante e temerário de tratar integrantes da classe trabalhadora como meros coadjuvantes ou, até mesmo, figurantes no contexto de luta contra a exploração e por melhores condições de vida. Por sinal, é em meio a esses riscos que, via de regra, preconceitos patriarcais, raciais e sociais são potencializados, tal como alguns capítulos do livro resenhado demonstram.

A despeito de um avanço significativo no campo da história social do trabalho no Brasil nas últimas décadas, com destacadas pesquisas que articulam militância comunista e agência da classe trabalhadora, percebe-se que esta produção ainda não conseguiu sua “ficha de filiação” na historiografia do PCB, talvez por buscar romper com alguns desses cacoetes e panoramas tão consolidados. Esse avanço no campo, embora ainda negligenciado, dialoga bastante com o processo histórico de expansão e interiorização da universidade pública no país neste início de século, o maior investimento na pós-graduação, a atuação docente nesses novos *campi* e a democratização do acesso ao ensino superior, repercutindo em diversos estudos instigantes sobre as experiências do PCB em variadas regiões brasileiras. Exemplos desse dinamismo podem ser verificados nesta *Revista Mundos do Trabalho*, uma publicação da Associação Nacional de História do Trabalho (AnaHT) – GT Nacional Mundos do Trabalho da ANPUH, particularmente no Dossiê “O PCB e os mundos do trabalho”;⁶ bem como no projeto “Vozes Comunistas”, uma série especial do *Vale Mais, podcast* do LEHMT/UFRJ, que divulgou trechos com áudios de trabalhadores e trabalhadoras atuantes no PCB, sempre acompanhados de uma apresentação por quem já pesquisou a personagem evidenciada em cada um dos 22 episódios, fomentando a “reflexão sobre as fortes e complexas relações entre o partido e os mundos do trabalho ao longo da história do país”.⁷

Portanto, é no mínimo estranho que uma historiografia do “partido da classe operária” não privilegie a agência de trabalhadores e trabalhadoras que se unem e atuam na militância comunista. As novas linhagens apontam para o enfrentamento dessa provocação e o esboço apresentado no capítulo inicial da obra resenhada configura como um importante ponto de partida nesse sentido.

Recebido: 04/09/2024

Aprovado: 02/11/2024

6 FONTES, Paulo; TOLEDO, Edilene. O PCB e os Mundos do Trabalho: uma apresentação. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 14, p. 1-6, 2022.

7 **Vozes Comunistas**. Série produzida pelo Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho (LEHMT). Disponível em: <https://lehmt.org/?s=vozes+comunistas>. Acesso em: 10 ago. 2024.